

# 34 Criação & Crítica

DA CRÍTICA À CRÔNICA N'O PUBLICADOR PAULISTANO (1857-1860)<sup>1</sup>

Natália Gonçalves de Souza Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo discute as nuances dos textos dedicados ao comentário sobre literatura n'O publicador paulistano. Tendo um estudante de Direito, chamado Balthazar da Silva Carneiro, como seu editor, o periódico cria uma interseção entre a imprensa estudantil e a grande imprensa. Nesse espaço, perfaz experimentações genéricas e estilísticas, mantendo-se afastado do compromisso nacionalista, presente em grande parte dos periódicos em circulação na São Paulo romântica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romantismo; Crítica Literária; Periodismo Literário; Bestialógico.

FROM LITERARY CRITICISM TO CHRONICLES IN THE PUBLICADOR PAULISTANO (1857-1860)

**ABSTRACT:** This article discusses the nuances among texts dedicated to literary commentary in the Publicador Paulistano. Having a Law School student, called Balthazar da Silva Carneiro, as its editor, the journal creates an interface between the academic press and mainstream media. In that space, the periodical produces experimentations mixing genres and styles, keeping distance from the nationalist commitment, existent in most periodicals in circulation in romantic São Paulo.

**KEYWORDS:** Romanticism; Literary criticism; Literary periodicals; Bestialógico.

## Introdução

Conjuntamente ao alvorecer do século XIX, há o aparecimento da crítica literária e de uma das plataformas midiáticas que lhe propiciará grande potencialidade, o jornal. Advinda de um processo de desregulamentação das preceptivas clássicas que remontam à poética aristotélica, a crítica, na sua emergência moderna, é fruto de revoluções políticas e estéticas, que reconfiguraram as formas de se pensar as obras literárias, admitindo outros critérios que não os da autoridade retórica. Segundo Araújo,

Já não era mais possível, com efeito, para a crítica, limitar-se a verificar a adequação ou não de uma dada obra a esta ou aquela regra de produção discursiva, segundo os ditames retoricistas: ante o reconhecimento da diversidade de padrões estéticos, tornava-se mister, doravante, explicar a obra em função dos diversos fatores – históricos, culturais, sociológicos, psicológicos – que determinariam sua constituição (2006, p. 203, grifos do autor).

<sup>1</sup> Este artigo é parte do projeto "Caminhos do comparatismo nas folhas acadêmicas da São Paulo oitocentista: vozes dissonantes", financiado pela FAPEMIG. Agradeço aos estudantes Anna Giulia Cardoso Grossi e Luís Otávio Rocha Nascimento, bolsistas do projeto.

<sup>2</sup> Professora na Universidade Federal de Viçosa e desenvolve estudos no grupo de pesquisas Literatura e Mídia. Autora de Antagonismo e dissolução: o pensamento crítico de Álvares de Azevedo e Um leitor inconformado: Álvares de Azevedo e a literatura comparada (2022). (nataliasantosgs@gmail.com)

# 34 Criação & Crítica

Dentro das articulações nacionalistas que fervilharam a partir da primeira parte dos oitocentos, visando à formação e consolidação de estados nacionais independentes, dentro e fora do continente europeu, sabe-se que essas explicações se pautaram, em larga medida, pela tentativa de compreender a obra em função da situação histórico-geográfica que a fomentou. Essa guinada é absolutamente orientada em função do quadro que então se deslindava, sobretudo, na Europa e, mais especificamente, conforme a imagem fornecida por Paul Borget, na França:

Rebentou a revolução de 1789, seguiu-se-lhe o Império. As grandes guerras daqueles vinte e cinco anos tiveram o inesperado efeito de misturar singularmente as nações umas com as outras. Para nos limitarmos à França, essas convulsões sociais, precipitando para fora de seu país um Chateaubriand, uma Madame de Staël, um Paul-Louis Courier, um Benjamin Constant e tantos outros, fizeram-lhes saber que existia uma Europa. Não se limitaram a ler no texto Shakespeare, Dante e Goethe, como teria feito em 1780 um jovem francês curioso, que soubesse línguas. Leram-nos no próprio local, no seu país de origem, e sentiram o íntimo laço que unia essas obras-primas da literatura aos costumes, ao céu, à alma enfim da Inglaterra, da Itália, da Alemanha. (BORGET APUD ARAÚJO, 2006, p. 203, grifos nossos).

Aliando a ascendência dos elementos externos à autenticidade subjetiva do artista criador, o gênio, aliás, aguçada pelo contato com os elementos autóctones que o cercam, tem-se os dois parâmetros básicos de grande parte da crítica no período romântico. Tal apanágio, como se sabe, após as diretivas apontadas por nomes como Ferdinand Denis e Almeida Garrett, logo nos primeiros decênios do século XIX, alcançará força de norma entre nossa intelectualidade oitocentista e orientará boa parte das obras concebidas entre 1830 e 1870. Nesse sentido, Moreira acredita que “a crítica praticamente precede a realização artística no campo da literatura, norteando os autores e aspirantes à carreira a se movimentar segundo a prescrição do discurso crítico”. E, nesse sentido, ainda de acordo com a autora, seria possível afirmar “que a crítica romântica ‘inventou’ a literatura nacional, desconsiderando o autor e a obra que não se regesse por esse diapasão” (MOREIRA, 2013, p. 45).

Mesmo tendo, portanto, ocupado um lugar de tal relevância, quando se consultam panoramas sobre o período crítico em questão, os qualificativos utilizados para julgá-la não se coadunam com essa posição de destaque. Brito Broca (1979), por exemplo, descrevia a crítica literária romântica como verborrágica e divagadora. Já Acízelo de Souza (2013) pontua a inapetência teórica de seus expoentes, sua falta de densidade, enfim, a “debilidade” geral dos exercícios críticos daquele contexto. Para amparar a sua argumentação, o estudioso destaca, entre outros fatores, o caráter casuístico da atividade, que “como tal prescindiria de quadros gerais de

# 34 Criação & Crítica

referência, ou, mais exatamente, manteria implícitos e não problematizadas as suas bases conceituais” (2013, p. 127), como, por exemplo, o uso de um conceito claro acerca do que seria literatura.

De todo modo, retomando conhecidas palavras de Antonio Candido acerca de nossa literatura como um todo e transpondo-as à observação de nossa crítica literária romântica, pode-se dizer que mesmo sendo “pobre e fraca [...] é ela, não outra, que nos exprime” (2006, p. 11). Então, a crítica literária romântica sintetiza aspirações de parte importante da intelectualidade do período e até mesmo dá margem, vez ou outra, a manifestações contrárias ao projeto nacionalista ou a ele algo indiferentes. Nesse sentido, este artigo pretende retomar do esquecimento os esforços críticos levados a cabo por um dos muitos periódicos que circularam na São Paulo romântica: O Publicador Paulistano (1857-1860) e a atuação do seu principal redator, Balthazar da Silva Carneiro.

Se talvez não se encontrem altas realizações críticas nas colunas desse jornal, fazendo com que se alterem significativamente determinadas visões que se tem sobre a crítica romântica, é válido destacar e propor a leitura das variadas conformações que o ato crítico poderia assumir no seio de um mesmo jornal, numa tentativa de compreender os entendimentos que se podia ter sobre as atividades crítica e literária. Também interessa rastrear a possível subdivisão de uma mesma persona crítica em vozes e formatos distintos, no caso, a voz do redator Silva Carneiro, o que vem a ressaltar tanto a parceria entre crítica e jornalismo, possibilitando ensaios formais de diferentes ordens, como a provável precariedade dos atores envolvidos no processo de edição, forçando uma mesma pena a assinar vários trabalhos, sob pseudônimo ou anonimato.

A fim de perfazer esses objetivos, o artigo se inicia com uma apresentação do jornal e do seu redator, cujas concepções, manifestadas em discursos acadêmicos, parecem ter direcionado a configuração geral do jornal, passando ao comentário dos exercícios críticos mais rotineiros no período observado até as manifestações que parecem se destacar daquilo que era mais praticado no periodismo acadêmico, perpassando uma aproximação com o bestialógico.

## O periodismo acadêmico na São Paulo romântica

O publicador paulistano circulou entre 25 de julho de 1857 e 09 de fevereiro de 1860, conforme coleção disponibilizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional a qual, salvo ausência de alguns números esparsos, parece disponibilizar a integralidade dessa publicação. Esse intervalo temporal é também confirmado em trabalhos que apresentam um panorama da imprensa paulista no período, caso do de Freitas (1915, p. 137), que traz breves informações sobre a existência d’O Publicador.

# 34 Criação & Crítica

Como outras folhas que adotaram esse título, ‘publicador’, seguido, em geral, de adjetivo pátrio, esse jornal ocupou-se de estampar aspectos gerais da vida da província, abrindo espaço para anúncios e artigos de particulares, sob subvenção convencionada. O seu objetivo maior é, conforme dito na primeira página da primeira edição, “a publicação dos atos administrativos desta província, nosso primeiro dever, nosso principal empenho.” (n. 1, p. 1, 1857), conteúdos que, na maior parte das vezes, ocupam as duas primeiras das quatro páginas do jornal, demonstrando a sua relevância para a folha. Porém, como também é dito na introdução, essa não é a sua preocupação exclusiva, ocupando-se, ainda, com a publicação de artigos vestidos de moralidade e dignidade e que visem ao melhor interesse público da província.

Nesse sentido, não causa espanto que a literatura e a crítica literária ocupem um espaço diminuto n’O publicador paulistano. Ainda assim, elas estão presentes, em formato variado, como breves ensaios, resenhas de livros e, principalmente, de espetáculos teatrais, e esboços que parecem se avizinhar da crônica. Considerando-se os objetivos principais do jornal, essa presença, mesmo que ocasional, sugere a importância da literatura naquele contexto, sobretudo quando entendida como um tipo de termômetro para o desenvolvimento civilizacional de uma nação. A manutenção desse espaço literário e a atuação de Balthazar da Silva Carneiro que, enquanto estudante de Direito, assumiu a redação do veículo de comunicação, são elementos que interessam no jornal, conferindo a ele alguma especificidade.

Se a imprensa produzida pelos acadêmicos da Faculdade de Direito é um traço marcante do período que vai de 1833 a fins de 1860, na vida cultural de São Paulo, conforme atesta, entre outros, o estudo de Hélder Garmes (2006), as publicações que dali emergiam tinham uma circulação e uma vida curtas. Tais traços podem ser atribuídos justamente ao seu caráter estudantil, a passagem breve pela cidade, a falta de recursos, perdurando, nesse caso, algumas daquelas que eram vinculadas às associações de estudantes, caso da Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano (1852-1864) ou dos Ensaios Literários do Ateneu Paulistano (1852-1863). Além disso, a sua configuração geral se distinguia daquela apresentada pela grande imprensa, apresentando estudos de maior fôlego sobre temas científicos e literários, além de aspectos voltados à vida dentro dos muros universitários como, por exemplo, atas de reuniões acadêmicas, discursos e textos voltados ao comentário sobre as matérias escolares propriamente ditas. Ou seja, embora algumas trouxessem “jornal” em seu título, tais publicações poderiam ser atualmente entendidas como “revistas”, por isso, o uso do termo “periódico” pelos estudiosos do assunto, que aponta para essa indefinição, que será melhor esclarecida apenas na virada do século XIX (CRUZ, 2013, p. 9).

A título de comparação, para que essas diferenças possam ser visualizadas, apresentam-se páginas dos Ensaios literários do Ateneu Paulistano e d’O publicador paulistano:

# 34 Criação & Crítica

## ENSAIOS LITTERARIOS

DO  
ATHENEU PAULISTANO.

16. de Agosto de 1852.



### INTRODUÇÃO.

Rompendo por entre os ataques do indifferntismo, transpando os obstaculos creados pelo receio e incerteza de seguir a senda tão risonha de seu passado, eis renascidos os "Ensaio Litterarios." Animados de esperanças, oheios de vida proseguirão elles em seu caminho, se no mundo, onde são lançados no tropel dos acontecimentos, respirarem o mesmo ar benéfico, que lhes afagou a infancia, dando-lhes forças para resistir aos golpes atirados pelos inimigos das letras.

Herdeiros de tradições gloriosas, com a fronte cingida de louros immarcesciveis, não os desmentirão, se a fama está sempre em proporção das lucubrações do espirito humano, dos esforços e actividade da razão; se a victoria é a corôa, que resplandece nos feitos do destemido combatente. Expandir as forças do pensamento que nasceu para soberano do mundo e não para fazer sua sede no estreito espaço do individualismo, tal é a missão a que se propõe. Mas as forças do pensamento se dirigem para a vastidão das existencias, para a universalidade dos seres e suas extensas relações—Os Ensaio Litterarios não ousão

### ENSAIOS LITTERARIOS.

tanto pretender. Suas aspirações não vão tão longe, suas vistas e ambições são muito limitadas—a litteratura é o theatro, em que lem de viver, onde por certo se terão de manifestar as oscillações do espirito juvenil, que aneia a verdade. O gyro é vasto—o horizon te immenso, e pois só os objectos de mais vulto terão de atingir vistas pouco perspicazes no vasto pégo das concepções.

O bello e a verdade são os dous grandes focos de luz, cujos reflexos terão de illuminar—os no mundo da publicidade. Sendo elles centros de verdades tão syntheticas, de relações tão varias não é possível conceber nem mesmo a idéa de encarál-os em toda a sua plenitude. Os "Ensaio" almeçam esboçar as idéas que, partindo desses pontos tão brilhantes e fecundos, despontem no horizonte de seu pensar; e quando contemplarem esse manancial das mais divinas inspiraões—o bello, exprimir as fracas imagens que se lhe pintarem n'alma, ou quando folhearem as paginas de um Dante ou Petrarca, Lamartine ou Hugo, traçar os prazeres da imaginação e do gosto, que se lhe despertarem na occasião e as observações suggeridas pelo espirito critico, embora nascente.

Se forem animados seus exorficos pela opinão, felizes dias correrá sua vida, e sua morte não será ingloria; mas se o céu sempre negro e prenhe de tempestades difficulterà-lhes a viagem e ameaçá-lhes a queda saberão morrer se assim fadar-lhes o destino, porque lhes arde no peito a crença de que lançarão uma pedra para a construcção do edificio—animação as letras—e contribuirão para que se regenere a sociedade desse espirito de indifferntismo tão pernicioso, que domina a geração actual, filha da geração de Cabanis, Lalande e Voltaire, no dizer de um

FIGURA 1 - ED. 1. (1852). FONTE: HEMEROTECA DIGITAL



FIGURA 2 - ED. 103 (1858). FONTE: HEMEROTECA DIGITAL

# 34 Criação & Crítica

Como se pode ver, as diferenças são notáveis no que tange à disposição e espaço gráficos das matérias, sendo o formato do segundo jornal mais próximo ao que se consagrou na grande imprensa do século XX. Sua periodicidade, – de início devia ser publicado duas vezes na semana, oscilando, ocasionalmente, a uma vez na semana, e o espaço cedido a publicações de terceiros, não assinantes –, dá uma variabilidade maior ao jornal, próprio de uma empresa jornalística mais ampla.

No que tange a'O publicador paulistano, o que promove um elo, mesmo que momentâneo, entre esses dois universos jornalísticos distintos, – lembrando que as diferenças não residiam apenas entre propostas jornalísticas pois, como já pontuou Antonio Candido (2006b) o núcleo estudantil figurava como um corpo estranho, à parte na pacata São Paulo oitocentista – é a presença de Balthazar da Silva Carneiro como redator-chefe. Na imagem, vê-se a primeira edição, disponível na Hemeroteca Digital, na qual ele figura no cargo, função que desempenhará abertamente até a edição n. 142, de 8 de junho de 1859. Curiosamente, após algumas edições, Carneiro passa a anteceder seu nome do título de “Bacharel” e, posteriormente, de “Doutor”, fato que aponta para sua colação de grau, ocorrida em dezembro de 1858, seguida do seu doutoramento, no ano seguinte, conforme os procedimentos acadêmicos da época.

Há poucas informações sobre sua pessoa. No Dicionário Bibliográfico de Sacramento Blake (1883, p. 375), afirma-se que o acadêmico era natural do Rio de Janeiro, sem sequer apontar datas de nascimento e morte. A Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos, da UFSC informa que ele nasceu em 1835 e faleceu em Campinas, em 1894, cidade na qual também gravou seu nome na imprensa. Além disso, o verbete de Blake arrola algumas obras literárias que ele teria publicado, como Saudades e Consolações (1861), na qual, em algumas peças lidas por Onédia Barboza, imitou e traduziu composições de lorde Byron (BARBOZA, 1975, p. 198). Tudo indica ter sido ele um estudante bastante ativo na comunidade escolar, pois, conforme Sodré, participou da imprensa desde seu ingresso, tendo sido “lançador do Cruzeiro do Sul, em que colaborava Teófilo Otoni.” (1999, p. 178)

É importante, para a discussão aqui colocada, saber que mesmo antes de assumir formalmente o cargo n'O publicador, ele ali colaborava, desde o início da própria publicação, uma vez que um discurso por ele proferido, enquanto orador do Ateneu Paulistano, na sessão comemorativa da fundação dessa associação estudantil, foi estampada já no quarto número do periódico, na segunda semana do seu aparecimento, portanto. Para além de demonstrar seu engajamento, o fato sugere a interseção entre os espaços da pequena imprensa estudantil e suas demandas, onde eram, em geral, publicados esse tipo de texto, e uma imprensa mais ampla. Além disso, ao se formalizar como redator, pode-se supor que Carneiro, como acadêmico e supostamente mais próximo aos debates intelectuais e literários, garantisse um espaço para as letras e a crítica literária, talvez oriundas da academia. Assim, a hipótese aqui trazida é que tal situação propiciou um espaço para as opiniões críticas

# 34 Criação & Crítica

da academia numa mídia maior. Ademais, o cargo pode ter permitido que o próprio Balthazar se relegasse a essas tarefas, não raro acobertadas pelo uso de pseudônimos.

O discurso por ele proferido e publicado no periódico em debate tem como tema central as relações entre a sociedade moderna e o cristianismo, valendo-se de um amplo quadro temporal para focar como este contribuiu para a formação moral daquela, ao longo da história. Em meio a isso, como era comum à época, o orador faz um adendo para comentar a situação atual da literatura brasileira, um tipo de balanço que costumava aparecer, no meio acadêmico, nas situações mais diversas, como prestação de contas, relatórios de atividades etc., sugerindo a constância do tema naquela comunidade. Para Carneiro, a literatura brasileira já existia de forma autônoma, o que não era um ponto pacífico, àquela altura, entre os homens de letras, porém, ela não recebia a atenção devida no exterior:

Hoje os cantos harmoniosos que os nossos poetas murmuram à margem dos nossos rios e debaixo da sombra de nossos bosques não tocam os seus ouvidos. E o que importam à França e à Inglaterra os nossos poemas, quando elas escrevem em um só dia e com a ponta de suas baionetas os poemas de Jena, de Austerlitz e de Alma? [...] a nossa [literatura] já nasceu rica e brilhante e a literatura estrangeira traz sempre consigo um fruto salutar. É uma planta de outra natureza de que convém observar as cores, respirar o perfume, espremer o suco (CARNEIRO, n. 4, 1857, p. 4).

Cabe ressaltar que, embora Carneiro valorize a produção literária local, parece faltar-lhe algo, tornando-a irrelevante no exterior e, nesse sentido, não dispensa a imitação estrangeira que pode, possivelmente, agregar elementos de interesse à nossa. Essa explícita abertura ao outro não era posição hegemônica, ao menos no que tange ao discurso, mesmo entre os acadêmicos em São Paulo. Suas traduções de Byron reforçam sua posição e o alocam no polo cosmopolita da disputa que tanto mobilizou a intelectualidade daqueles tempos. À título de ilustração do polo contrário, basta lembrar das críticas contra o byronismo, de Macedo Soares (1857), ou, para observar trecho de discurso feito por um outro orador do Ateneu Paulistano, Duarte de Azevedo, que asseverava, em 1852, a nossa especificidade e a compreensão de que “somos outro povo, que a nós cabia a realização do nosso destino, que o nosso nome não se ligava a nacionalidade alguma estrangeira” (AZEVEDO, n. 2, 1852, p. 35).

Essas posições, manifestadas em discursos e em outros gêneros diversos não diretamente ligados ao comentário literário, são significativas pois, no contexto em foco, podem determinar um julgamento crítico positivo ou negativo de uma determinada obra literária: se o crítico entende que a literatura brasileira deve se pautar pela especificidade e valorização da cor local, depreciará a obra que assim não

# 34 Criação & Crítica

operar. Considerando, assim, o que Carneiro pauta no trecho transcrito do seu discurso, é de se esperar que uma visão nacionalista mais estrita não oriente suas decisões editoriais, tampouco um possível exercício crítico e/ou literário oriundo de sua própria pena.

De fato, dos 12 artigos até então localizados no periódico e que se ocupam da literatura, embora em graus variados, apenas dois manifestam um explícito viés localista, enquanto os demais não se pautam por esse critério, valendo-se, muitas vezes, de questões estilísticas e poéticas para avaliar as obras, admitindo naturalmente as influências estrangeiras. Outro recorte que se pode propor para compreender o periódico em função da orientação colocada por Carneiro é a de se considerar as balizas temporais de sua passagem como redator, que se estende oficialmente dos números 101 ou 102 ao 142. Nesse intervalo, encontram-se, se não a maioria dos artigos sobre literatura, as tentativas mais experimentais do jornal. Exemplo disso é a Revista Semanal, assinada pelo Dr. Patusco, uma espécie de crônica, publicada no rodapé do jornal, na qual se comentavam, em tom coloquial e bem-humorado, variados assuntos, entre eles, obras literárias. Além disso, há maior presença da literatura em si, podendo ser constatada a publicação de poemas e textos em prosa.

Como se demonstrará, essa voz humorística pouco usual na crítica literária da academia, mas já ensaiada nas crônicas dos jornais da imprensa carioca, faz-se sentir em outros artigos não alocados no rodapé, mas que compartilham, além do tom, fórmulas e qualificativos semelhantes, dando margem a se propor uma autoria comum, uma vez que tais artigos são assinados por pseudônimos ou não trazem identificação. Vale ainda destacar que essa voz satírica não se restringia aos comentários em torno da literatura, mas procurava, por meio da crítica bem-humorada e, por vezes, ácida, escrutinar toda a sociedade. Por isso, segundo Freitas, a tipografia d'O publicador paulistano foi "inteiramente empastelad[a] em represália aos ataques desse periódico, então ainda redigido por Silva Carneiro, a pessoas qualificadas de S. Paulo: os autores desse atentado ficaram impunes não sendo descobertos, 'por serem muitas as pessoas maltratadas' pelo jornal" (1917, p. 137). Ou seja, parece que os ditos objetivos burocráticos colocados na primeira edição vão se matizando e dando lugar a outras vertentes jornalísticas.

## A crítica literária n'O publicador paulistano

Na tipologia da crítica literária romântica esboçada por Roberto Acízelo de Souza (2013), são encontrados o "noticiário jornalístico sobre livros e autores" (2013, p. 114), que tende a ser mais ligeiro e mais superficial e o "ensaio mais longo e denso" (2013, p. 115), que comporta variações. Dentre elas, o estudioso elenca o "comentário analítico de atualidades literárias"; os "ensaios voltados para tipificação e defesa do

# 34 Criação & Crítica

caráter nacional da literatura brasileira”; além das “sínteses históricas da literatura nacional” (2013, p. 116), esses dois últimos são caudatários da história literária, parceria que indicava, àquela altura, uma inovação frente à universalidade colocada pelas poéticas clássicas.

Admitindo inicialmente essa tipologia, o noticiário sobre autores, livros e espetáculos teatrais encenados na capital da província foi o formato de crítica mais encontrado n’O publicador paulistano, seguido por uma espécie de crônica, que assumiu diversos títulos e posições ao longo das edições: folhetim, variedade, revista semanal, crônica teatral e até comunicado, ora no rodapé ora em coluna. Desse primeiro tipo, cabe destacar a notícia sobre a publicação d’As Primaveras, de Casimiro de Abreu, estampada na edição 159, pouco mais de um mês após o lançamento do livro, demonstrando atualidade em relação à cena literária. É um dos poucos exemplos de exercícios críticos assinados e, talvez por isso, o texto tenha um caráter mais sisudo, ostentando os lugares comuns do tempo, uma vez que não estava abrigado pelo anonimato. Antônio Manoel dos Reis, que colaria grau na Faculdade de Direito em 1864, ao cultivar a sociabilidade romântica, elogia os esforços de seu jovem contemporâneo e o encoraja a persistir na vida literária, afirmando que o poeta escreverá “seu nome na história da literatura brasileira a par dos Magalhães, Gonçalves Dias e outros” (REIS, n. 159, 1859, p. 4). De fato, o articulista não errou ao afirmar semelhante coisa, embora isso possa ser colocado na conta dos clichês utilizados nesse tipo de apresentação.

Vale dizer que Reis faz questão de anunciar, logo de início, que não pretende se passar por crítico literário, pois reconhece sua “incapacidade para manifestarmos um juízo a respeito d’As primaveras do Sr. Casimiro de Abreu.” Porém, não poderia se furtar “ao desejo de dizer duas palavras sobre tal assunto, sem que por isso tenhamos a pretensão de passarmos por crítico” (REIS, n. 159, 1859, p. 3). De todo modo, Reis sugere seus critérios de apreciação: ele deixa os instrumentos mais técnicos como a metrificacão e a forma exterior, para focar-se na “graça”, na “simplicidade”, na “naturalidade” que emergem dos poemas líricos, causando uma “impressão agradável” (REIS, n. 159, 1859, p. 3). Ou seja, mais vale a capacidade do poeta de exprimir a sua intimidade do que a de evocar a pátria.

Já em “As poesias de J. Fernandes Madrid: fragmento” (n. 119, 1858), assinado pela Redação e publicado na seção Variedade, vê-se a elevação do critério de valor da nacionalidade literária em detrimento da subjetividade do poeta, ao menos, inicialmente. É interessante destacar o subtítulo “fragmento”, que leva a crer que o artigo seja um extrato ou não esteja completo. Mesmo assim, ele já é bem mais extenso que o de Reis, podendo ser aproximado do tipo de ensaio “comentário analítico”. Trata-se do maior texto de crítica literária encontrado pelo presente levantamento n’O publicador paulistano. Para além dessa maior extensão, outra característica que também diferencia o artigo em relação aos demais é o fato de

# 34 Criação & Crítica

analisar os versos de um poeta colombiano (José Luis Álvaro Alvino Fernández Madrid y Fernández De Castro, 1789-1830) e de estampá-los no jornal em sua língua original. Ao longo da leitura feita dos periódicos acadêmicos oitocentistas, pelo projeto de pesquisa do qual este artigo é parte, verifica-se que a transcrição de trechos em prosa e/ou poemas em francês é bastante comum, seguidos daqueles em língua inglesa. No entanto, o próprio conhecimento de autores da América hispânica era incomum. Tal tema é até mesmo abordado no início do artigo:

Não é de admirar que nós vivemos na ignorância da maior parte das coisas que ilustram a inteligência e consolam o coração, desconhecemos as poesias de J. Fernandes Madrid, poeta colombiano deste século, um dos maiores literatos de seu país e que assentou pelos seus talentos na cadeira presidencial. Andamos embebidos com a literatura francesa: Victor Hugo, Lamartine, Sainte-Beuve e os mais atraem toda nossa atenção, enquanto entre nós, no nosso país e nas demais partes da América o gênio americano se desenvolve e se eleva as alturas dos gênios europeus [...] (n. 119, 1858, p. 3).

A Redação se ressentia por nomes como Frei Francisco de São Carlos, Caldas, Gonzaga terem escrito obras tão boas e não terem leitores. Ainda destaca o caso do autor norte-americano Fenimore Cooper: “foi necessário que a especulação francesa o traduzisse e o espalhasse pelo mundo! Foi então que conhecemos o poeta, vimos o seu talento, apreciamos as suas obras.” (n. 119, 1858, p. 3), sugerindo alguns sentidos quase que de mão única para a circulação de ideias nos oitocentos.

Como um dos próceres da independência colombiana, os poemas de Madrid escolhidos para o artigo abordam os heróis e símbolos da liberdade:

Bolívar, cumplido ya está el juramento:  
La pátria en sus brazos te quiere estrechar.  
Así te conduzcan pacífico el viento,  
Serenas y mansas las olas del mar.  
Triunfó tu constancia.  
En paz y abundancia  
La America toda podrá respirar.  
(n. 119, 1858, p. 3).

Para a Redação, “Fernandes Madrid amava, com todo o coração americano a liberdade de seu país, e os guerreiros que derramavam o seu sangue em prol dessa liberdade, ele imortalizava em seus cantos.” (n. 119, 1858, p. 3). Assim sendo, grande parte dos poemas e das considerações feitas nessa primeira parte do artigo exploram, tematicamente, a capacidade do poeta em cantar a independência de sua pátria, os matizes sublimes que consegue alcançar com seu canto. Enfatizar essa maestria faz

# 34 Criação & Crítica

crer que Madrid sirva de modelo para os leitores e os aspirantes a poeta apreciarem e produzirem obras que valorizem esses aspectos particulares de seu país.

Uma curiosa mudança se dá na parte final do artigo, consagrada ao comentário dos poemas líricos do colombiano, e que vem precedida por uma linha pontilhada. A presença dessa linha e a alteração do tom empregada faz pensar que se trata de contribuição redigida a mais de duas mãos, suposição amparada pela assinatura coletiva – A redação. Nesse passo, comenta-se apenas dois fragmentos poéticos do autor, contra seis elencados no primeiro. E eles servem mais de azo ao relativamente extenso comentário em torno da incompatibilidade entre poesia e casamento do que a qualquer tipo de análise literária.

Em face de um poema como

Te vi Amira, y fui sensible,  
Te vi Amira, y te adore;  
No es posible, no es posible  
Que no te ame quien te vé.  
(n. 119, 1858, p. 4).

a Redação crê que Madrid “se precipitou no ridículo [fazendo-se] namorado de sua própria mulher [...] Pensou ele que a sua Amira nos havia de interessar como Laura de Petrarca! Errou e muito” (n. 119, 1858, p. 4). Mobilizando argumentos de autoridades como Mme. de Staël e Byron, o artigo escarnece não apenas da opção de Madrid, mas transforma a discussão em algo maior, elencando vários exemplos da literatura universal a ser seguidos ou não.

Segue-se um extrato dessa argumentação:

Continuemos a citar Byron por acreditarmos que é ele quem tem estudado a matéria debaixo de seu verdadeiro e melhor ponto de vista, ele diz: ‘É preciso convir que há na vida doméstica certas coisas que são a antítese da paixão; (Byron não exemplifica, por pensar que isto está ao alcance de todos; contudo se algum Quixote que tiver também sua Dulcineia duvidar é dizer-me que nós lhe remeteremos mil exemplos) os romances nos pintam em pé todas as fases amorosas, mas nos dão em busto o retrato do casamento, por que ninguém se importa com as chichisbiaduras matrimoniais [...]’ (n. 119, 1858, p. 4, grifos nossos).

O articulista justifica, de certa forma, seu parêntese, por considerar que “a mania de poetas ataca todos os amantes”. Ao satirizar, então, esses ridículos, ele assume uma função diretiva em relação ao que poderia ser escrito. Como encerramento do artigo, a redação pontua que: “mais de espaço poderia fazer o elogio de cada uma das produções de F. Madrid, se o que deixo escrito não abundasse para significar o muito que aprecio a sua imaginação verdadeiramente americana” (n. 119,

# 34 Criação & Crítica

1858, p. 4, grifos nossos). Tal desfecho suscita alguma dúvida no leitor acerca dessa admiração, considerando-se comentários como o trecho supostamente traduzido de Byron. Parece, a partir do que sugere o artigo, que a imaginação americana de Madrid não se restringe apenas à criação de belos quadros patrióticos, mas fantasia até disparates, ao buscar inspiração poética onde não há.

A atenção dada ao artigo “As poesias de J. Fernandes Madrid” justifica-se pelo texto parecer uma justaposição de dois gêneros diferentes: num primeiro momento, tem-se uma apreciação crítica, vazada num tom sério e pautada pelo critério nacionalista. Já num segundo, os poemas servem de pretexto para divagar e tratar satiricamente a opção inicial do poeta, embora haja um critério temático como cerne da avaliação. O tom é mais coloquial e há tentativas de interlocução com o leitor, conforme destacado anteriormente. A voz/vozes que aí se deixa(m) entrever parece(m) avizinhar-se do gênero crônica, mesmo com todas as imprecisões que o conceito possa trazer, e, será(ão) ouvida(s) em outras edições d’O publicador paulistano. Não é possível comprovar, ao menos até o momento, que se trata de um mesmo jornalista. Mas expressões semelhantes, a recorrência do anonimato ou dos pseudônimos e determinadas visões sobre o fazer poético, seus cultores, bem como sobre a própria crítica literária, fazem com que a hipótese possa ser lançada.

Anônimo, L.V., Ejusdem...

A fim de discutir a crônica publicada em jornais cariocas em meados do século XIX, Lucia Granja recupera um complexo processo de circulação de ideias através do Atlântico, demonstrando como elas eram transformadas em função do seu contexto de recepção. Parte-se de um modelo colhido nas páginas dos jornais franceses:

em 1836, ‘o ano I da era midiática’, a crônica apresentava-se, no jornal *La Presse*, como uma lista heteróclita de acontecimentos e guardava um respeito total ao contrato referencial, fazendo um repertório dos fatos da véspera e seguindo uma hierarquia de assuntos. No caso da política, essa hierarquia era nobiliária, o dia do rei, da família real, da corte e, só então, o da cidade. Por fim, os comentários daqueles cronistas d’além-mar, nos anos 1835-40, descolavam-se pouco da notícia e não eram digressivos (GRANJA, 2015, p. 90).

Ao aportar no Brasil, esse modelo passa por profundas transformações. Recapitulando, brevemente, algumas das circunstâncias elencadas pela estudiosa para explicar esse processo, chama a atenção a permanência da política como assunto pilar da nossa crônica, que podia ser sempre aventado na falta de outro melhor. Essa recorrência aponta para outra característica: a “vida social menos diversificada em nossa sociedade” (GRANJA, 2015, p. 92), que fazia com que a crítica teatral frequentemente fosse deslocada da rubrica ‘variedade’ para ‘crônica’. Esse

# 34 Criação & Crítica

último aspecto dá margem para a porosidade entre as distintas seções de um mesmo jornal, que podiam facilmente ser unidas, mudarem de página e mesmo de localização na página, passando do rodapé ao topo e vice-versa. Até mesmo a fonte podia mudar, sendo diminuída para que uma determinada seção ocupasse menos espaço. Essa plasticidade dá margem ao hibridismo da crônica em nosso país:

No Brasil, tal e qual Marlyse Meyer, estamos convencidos de que a crônica se estrutura a partir da mescla das “Variedades” e “Folhetins”. No entanto, o movimento entre a parte noticiosa do jornal e o rodapé é mais circular do que se pensou até então, sendo também a plasticidade do espaço em que se publicava os folhetins (em geral) fundamental para a formação da crônica brasileira, que se vai definir, ao longo do tempo, como um texto que passa, no tom, do comentário ao literário e ficcional e, no assunto, das amenidades à política (GRANJA, 2015, p. 96).

Dentro desse intercâmbio, ainda de acordo com Granja (2015, p. 97), há espaço, dentre outras tantas coisas, para a crítica literária. E é essa presença ou mistura que se quer explorar nessa seção: a proximidade entre crítica e crônica, coabitação que se intensifica ainda mais quando a mesma pena parece assinar textos diferentes, sob pseudônimo ou anonimato. Tal conjunto estampado pel’O publicador paulistano interessa também por fazer menção direta a determinadas concepções acerca da poesia, do poeta e da própria crítica, admitindo uma autorreflexão pouco comum na crítica literária romântica no Brasil, como já pontuou Acízelo.

Esses movimentos midiáticos podem ser observados n’O publicador paulistano, com a diferença de que, nesse periódico, a vida estudantil e a literatura ocupam um lugar central. Devido ao ser lugar de publicação e ao seu redator, parece haver um projeto de intersecção entre os assuntos da academia, o “mundo da vida” que será debatido nos textos, e gêneros textuais que circulavam na grande imprensa e que não tinham tanta entrada na pequena imprensa estudantil.

O conjunto formado pelos artigos “Os poetas julgam-se dispensados de ter bom senso”, dividido em duas partes (n. 99 e 100, 1858) e sem assinatura, “A poesia e os poetas” (n. 155, 1859), de L.V e “Verdades singelas. Aos críticos sem miolos” (n. 157, 1859), de Ejusdem apontam para a mobilidade detectada por Lucia Granja. Como se verá, o assunto e o tom adotado são parecidos, mas os primeiros foram publicados na coluna Variedade, e os outros dois na coluna Comunicados. Parece, então, que a coluna Variedade estava se encaminhando para ser abertamente uma crônica, conforme expõe a pesquisadora, e ocupar, como em outros jornais do tempo, o rodapé do jornal. Isso ocorrerá, de fato, na estreia do cronista dr. Patusco, na edição n. 107, experimento que durará poucos números e que poderá ser analisado num outro artigo. O que se pode concluir desse processo algo caótico da rubricagem d’O publicador paulistano é justamente a porosidade das seções, que pareciam plausíveis de

# 34 Criação & Crítica

alteração sem aviso prévio, conforme fosse possível suprir as necessidades da publicação.

“Os poetas julgam-se dispensados de ter bom senso” inicia com uma epígrafe extraída de Filinto Elísio: “Quanto mais o ano abunda em versaria / Tanto mais é escasso em poesia”, retomada na segunda parte do artigo. Ela antecipa, assim como o próprio título, uma insatisfação geral do crítico em relação à atividade poética praticada entre os acadêmicos. Para ele, “a poesia é filha do entusiasmo e da paixão; é só neste estado que o Poeta solta esses cânticos divinos que levam seu nome à posteridade”. Ou seja, entrevê-se aí a alta conta em que a arte poética estava. Ocorre que, na então Academia de Ciências Jurídicas e Sociais de São Paulo, uma verdadeira febre atingia os jovens:

sucede entre nós que jovens aliás talentosos e que podiam empregar essa inteligência com que os dotou a natureza na indagação das verdades da ciência que se destinam a ensinar, desvairados pela leitura de alguns Poetas insignes, arrojaram-se a poetizar, e sem as faculdades necessárias para sustentá-las neste empenho, julgam-se dispensados de ter bom senso a fim de achar uma rima ou completar um verso (ANÔNIMO, n. 99, 1858, p. 3).

Para provar seu ponto de vista, o crítico ataca diretamente o poema “A tempestade”, de Francisco Inácio de Carvalho Rezende, que teria sido estampado no segundo número do Ensaio Filosófico Paulistano, o que demonstra, mais uma vez, o diálogo com o periodismo acadêmico. O texto é analisado do ponto de vista do uso da gramática e do vocabulário, à luz do dicionário Moraes, além de fazer uma vaga menção à falta de gosto do poeta, indicando incipiente aproximação com a Estética. Ao grifar alguns trechos de um dos fragmentos do poema transcritos no jornal, o crítico tem a oportunidade de demonstrar seus critérios básicos:

A tarde pouco e pouco ia morrendo.  
Nas erguidas montanhas do Ocidente,  
E a terra nesse instante se alegrava  
Pelo coro das aves que nas selvas  
Trinavam seus queixumes, seus amores.  
(n. 99, 1858, p. 4)

O primeiro deles é o linguístico: “Deixemos o ‘pouco e pouco’ de lado, porque o Sr. Rezende não cuida nessas ninharias e vamos ao sólido.” Investindo, porém, no que julga como sendo a inadequação das imagens escolhidas:

Onde é que viu o Sr. Rezende a natureza alegrar-se a ocasião em que o sol se some? Não é justamente essa a hora de maior melancolia, e em que tudo parece tomar parte na tristeza pelo desaparecimento do rei do firmamento? Nenhum Poeta até o Sr. Rezende deixou ainda de achar essa hora tristonha [...]. Só o Sr. Rezende achou essa hora

# 34 Criação & Crítica

alegre: ou os outros Poetas não tinham bom senso ou o Sr. Rezende não tem: os que sentem quanto o sumir-se o sol, o final do dia tem de melancólico e triste, e que ainda não têm imaginação enferma pelas torturas de arrancar-lhe um mau verso, que respondam (ANÔNIMO, n. 99, 1858, p. 4, grifos nossos).

Nessa passagem, encontram-se o tom satírico já entrevisto na segunda parte da análise dos poemas líricos de Fernandes Madrid, bem como, no último trecho, a tentativa de interlocução com o leitor. Embora esses traços tragam a essa crítica literária, que poderia ser aproximada do tipo comentário sobre as atualidades literárias, um aspecto galhofeiro, o seu redator não deixa de reconhecê-la como altamente legisladora, traço que a aproxima mais de uma atitude passadista do que da proposta de compreensão anunciada no início deste artigo: “Aqui suspendemos a fêrula: carecemos descansar, que isso de dar bolos também fatiga; sábado continuaremos em sabatina (ANÔNIMO, n. 99, 1858, p. 4). O instrumento do castigo físico, a “fêrula”, aponta para esse caráter legislador e passadista, além de apontar para o universo escolar.

Universo esse, aliás, retomado na segunda parte do artigo, justamente a partir da sabatina aludida no trecho. Simulando, dessa vez, um caráter de relato de uma situação, na verdade ficcional, na qual se encontram o referido poeta, o sr. Rezende, e o seu crítico, o texto volta a atacar aspectos linguísticos do poema. A partir dos versos “O terno sabia lá na floresta / Entoava seu canto de saudade”, o crítico principia a dizer que “o lá se achava no primeiro verso encachado a martelo e que muito melhor seria que o Sr. Poetaço não o tivesse jamais desencachado do seu bestunto, ficando o verso do modo seguinte mais regular e menos prosaico: ‘Na floresta o terno sabia’.” (ANÔNIMO, n. 100, 1858, p. 3)

Infelizmente, não é possível saber o final dessa lição, pois a próxima página da edição 100, talvez por algum problema de digitalização, não dá sequência ao texto, passando a uma outra edição. Vale destacar as experimentações possibilitadas nas páginas d’O publicador paulistano, uma vez que a segunda parte de “Os poetas julgam-se dispensados de terem bom senso” apresenta uma configuração diferente da primeira, flertando com o ficcional, embora mantendo um critério de análise em comum, o linguístico. Tal critério, como se viu, sobrepõe-se a qualquer outro, até mesmo ao nacional, já que a combinação “sabia” e “lá” era e é muito conhecida na literatura brasileira, tendo sido incansavelmente glosada pelos poetas desde o seu aparecimento, em 1846. Portanto, nem a possível tentativa de aproximação do cânone nacionalista, representado por Gonçalves Dias, amainou o peso da fêrula que caiu sobre o sr. Rezende. De todo modo, é importante recapitular os principais critérios de análise empregados aqui, o linguístico e o imagético, pois eles serão novamente empregados.

# 34 Criação & Crítica

Da coluna de Variedades, passa-se à coluna Comunicados, mas o conteúdo e o tom são quase os mesmos, o que bem poderia indicar que se trata sempre do mesmo jornalista a se desdobrar em diversas funções. Várias edições depois, o leitor se depara com a mesma epígrafe de Filinto Elísio e a mesma insatisfação com o frenesi literário que atingiu São Paulo, nos tempos do romantismo. No entanto, em “A poesia e os poetas”, tem-se a assinatura misteriosa de L.V. Retomando, mais uma vez, a concepção da poesia como algo elevado, excepcional, o articulista pergunta-se:

Será possível que hajam tantas almas inspiradas, tantos corações predestinados que tenham tornado a poesia de tal maneira vulgarizada, que não há vendilhão que não tenha sua “Ela”, suas “Recordações da infância”, suas “Ilusões”, enfim seu vintém azinhavrado como diz Álvares de Azevedo? (L.V., n. 155, 1859, p. 3)

Como se vê, essa insatisfação com os cultores ocasionais da poesia já era antiga, remontando à passagem de Álvares de Azevedo, pelos bancos universitários, entre 1840 e 1850. De fato, mais de um estudioso de nossa literatura documentou o desgaste que a febre romântica infligiu àquele meio (BROCA, 1979, CANDIDO, 2006). Como seu observador arguto, L.V. chega a descrever com minúcias ao leitor as espécies de falsos poetas que pela capital da província circulavam:

Qual não foi meu pasmo quando no dia do aniversário de nossa emancipação política, no dia em que só os verdadeiros Poetas deviam afinar a sua harpa inspirada para decantar nossa Independência – vi erguer-se meia dúzia de camarões – homens acostumados aos cálculos e contabilidades de alfinetes, rendas, corpinhos etc., homens cuja liberdade, e poesia se encerram nos cosméticos de Piver, nos perfumes e Sachets de ‘la société hygienique’, nos bigodes, caensinhos, bengalas de unicórnio, pós de arroz, luvas de Jouvin, quando os vi se erguerem com o topete empomadado e afinando a voz, colocando-se em posição de Otelo assassinando Hildemonda – soltar a sua Melopia – trabalho de quinze dias – ou de alguma alma piedosa! (L.V., n. 155, 1859, p. 3).

L.V. não poupa o aspirante a poeta bem engomado que se levanta para cantar a efeméride da independência. Inclusive, faz questão de esclarecer, em nota de rodapé, que ‘os camarões em vez de miolos tem excr.... na cabeça’. Por outro lado, ele também não poupa farpas a um outro tipo de poeta, o afetadamente byroniano:

A propósito de Byron – tenho agora de falar daqueles que se aferrando ao burrico de descrença, começam a fustigá-lo com a espora do ceticismo, passam a vida a fantasiar spleen, beber kirshenwasser e a dormir a ‘la belle étoile’ a fim de imitarem até nos desvarios esses grandes poetas cuja vida foi um contínuo sofrimento. (L.V., n. 155, 1859, p. 3)

# 34 Criação & Crítica

O articulista vê com maus olhos a intensa emulação da figura de Byron pelos aspirantes a poeta. Nota-se que o cerne do seu descontentamento é justamente a falta de verdade dos discípulos, tendo em vista os reais sofrimentos do mestre inglês. Como se sabe, embora nossa segunda geração romântica apareça com frequência nas histórias literárias do século XX, por exemplo, designada pelo termo 'byroniana', era comum, à época, a manifestação de certo desconforto com essa pecha, proveniente dos próprios integrantes. Vale lembrar, nesse sentido, as críticas de Macedo Soares e do próprio "Byron brasileiro" Álvares de Azevedo com relação a esse quadro. Em face disso, é o tom humorístico que traz relativa especificidade às colocações estampadas n'O publicador paulistano.

Ao se levar em consideração esses dois artigos, poderia se pensar que o jornal tinha a arte poética em pouco apreço, já que não a poupa de uma série de críticas satíricas. Ou, talvez, a tenha em tão elevada conta que se irrite com a vulgarização da mesma pelos jovens inspirados, mas de pouco talento. Tal percepção se altera quando se considera o último dos artigos aqui comentados e que parece ter a mesma autoria dos demais: ele vem assinado por Eiusdem que significa 'o mesmo' em latim. Porém, desde o seu título, nota-se que o alvo dos ataques será outro: "Verdades singelas. Aos críticos sem miolo", propósito confirmado tanto pelo texto que se lhe segue, quanto pela sua epígrafe, extraída de F. X. de Novaes.

De início, o articulista parece entusiasmado com o que chama de "frenesi literário que se tem notado este ano, na mocidade" (EJUSDEM, n. 157, 1859, p. 2). Ali, pululavam jornais e associações estudantis, jovens poetas que se esforçavam no cultivo de suas inteligências. No entanto, tal atmosfera é corrompida por "aqueles que ordinariamente se instituem críticos menoscabando aquilo que jamais seriam capazes de imitar", "que só se movem com o impulso de uma estranha força" (EJUSDEM, n. 157, 1859, p. 2). Constitui-se, nessas passagens, uma oposição clássica entre crítica e poesia, sendo esta dotada da capacidade criativa que falta a outra, dicotomia sempre presente, segundo Souza (2013), em nossa escassa metacrítica oitocentista. Quem não tem miolos, nessa ocasião, são os críticos, descritos como 'caranguejos resmungadores'.

Porém, por mais que haja uma aparente oposição, parece haver também justaposição entre as figuras do crítico e do poeta, ao menos no que concerne a sua caracterização, pois, os mesmos paramentos que ora ornavam o poeta dito patriótico, ornam o crítico pedante: "bonecos enfeitados para os quais a pomada de Piver tem mil atrativos, e a clássica luneta oferece matéria para uma longa dissertação, a esses, perfeitamente se aplica o chistoso dito de um hábil escritor: 'casca de muita coisa com

# 34 Criação & Crítica

âmago de coisa nenhuma”<sup>3</sup> (EJUSDEM, n. 157, 1859, p. 2). É certo que os elegantes do tempo, que podiam consumir os artigos franceses da perfumaria L.T. Piver, de Paris, desagradavam o/os autor/es dessa série de artigos, fossem eles poetas ou críticos. Para além disso, é possível pensar que, num ambiente intelectual tão restrito, essas figuras frequentemente poderiam se sobrepor, formando, como pontuado por Vagner Camilo (1997), um pequeno sistema literário.

Mas o que realmente chama a atenção no cotejo entre os comentários sobre poetas e críticos é que os critérios avaliativos antes supostamente avalizados são agora diminuídos:

[...] mostrai-lhes não um pedaço de carne, mas sim uma produção qualquer, ainda mesmo oriunda da meditação e do talento. – Vereis logo a matilha cair-lhe em cima, despedaçando-lhe a forma, babando-lhe impropérios contra o autor, ladrando mesmo, contra aqueles pontos que fazem admiração da sensatez e da inteligência! Ouvireis a cada passo, ‘o estilo é imperfeito e incorreto, a forma é desagradável e péssima, as comparações são fúteis e tresloucadas, o assunto é ligeiro e sem importância, finalmente, é o produto de uma imaginação tresvariada, incapaz de produzir coisa alguma a não ser o mal, a não ser o péssimo!’” (EJUSDEM, n. 157, 1859, p. 2).

A fêrula da gramática e da análise das imagens que pareceu bem aplicada ao poema de Carvalho Rezende aparece agora como desarrazoada e desprovida de bom senso. Fica o leitor sem saber ao certo o que se deve levar a sério ou não em meio ao que, por fim, o articulista chama de “desenvolvimento bestialógico” (EJUSDEM, n. 157, 1859, p. 2).

Em meio a um sem-número de elementos que são arrolados para descrever o crítico sem miolos, intriga a menção ao bestialógico. É sabido que a poesia bestialógica ou pantagruélica foi largamente cultivada pelos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo, entre os decênios de 1840 e 1860, convencionando-se dizer que o seu criador teria sido Bernardo Guimarães, aliás, dentro os coevos, aquele que mais conservou e publicou versos bestialógicos, quando a atitude geral era destruí-los ao fim do período acadêmico. No ensaio consagrado a essa vertente poética, Antonio Candido explica que “o bestialógico corrente é apenas uma exacerbação do discurso normal, ou uma série de palavras complicadas, que vão puxando outras e atuam pelo acúmulo desconexo” (2010, p. 204), podendo ser executado em prosa e verso. No entanto, pode-se dizer que se tem mais notícia do seu desenvolvimento em versos.

---

<sup>3</sup> Vale dizer que essa suposta citação encontra-se também na Revista Semanal, assinada pelo Dr. Patusco, em diversas edições d’O publicador paulistano. Assim, esse possível único articulista podia também ser encontrado no rodapé do jornal, lugar frequente do folhetim Revista Semanal.

# 34 Criação & Crítica

Vagner Camilo, ao lançar-se à busca das fontes românticas para o cultivo do gênero no Brasil, para além do ‘anfiguri’ arrolado por Candido, explora a raiz rabelaisiana do termo “pantagruélico”, que pode fazer menção às ceias estudantis supostamente regidas pelo excesso de comida e bebida, o que leva, assim, ao caráter grotesco incorporado aos versos espontaneamente produzidos nesses serões. Indicados por Rabelais como “fanfreluches”, seriam, na explicação de Charles Nodier, uma “mistura ousada das ideias mais disparatadas, das mais híbridas locuções, das formas de linguagem menos suscetíveis de se aliarem entre si, sustentadas num discurso de grande fôlego com a energia apaixonada da convicção e a imperturbável volubilidade de uma improvisação séria” (CAMILO APUD BENAYOUM, 1997, p. 187).

De fato, a comparação entre esses três últimos artigos aqui discutidos indica uma volubilidade de posição, os epítetos construídos guardam relação com o grotesco, sobretudo nas comparações com animais, como o camarão e caranguejo, e nas atitudes que são atribuídas aos censores, como ladrar e babar, ao devorar uma composição poética qualquer. Em “Verdades singelas. Aos críticos sem miolo”, há acúmulo de imagens e palavras talvez incomuns mesmo à época, como “hidrópico” e “entes microscópicos”. Mas o principal efeito parece ser a incerteza a que chega o leitor quando finaliza a leitura do conjunto crítico d’O publicador paulistano e que pode se assemelhar ao efeito da leitura de um poema bestialógico. Acerca do soneto “Eu vi dos polos o gigante alado”, de Bernardo Guimarães, Candido pontua:

Quando começamos a ler, o primeiro verso não parece contrassenso: pode ser alusão a algum mito, ou imagem ousada, cujo sentido esperamos perceber adiante. Por isso, como costuma acontecer na leitura de muitos poemas, esperamos pelo segundo verso para completar o entendimento. Mas o segundo verso prolonga a impressão estranha do primeiro e gera certa inquietude, confirmada pelo terceiro, que lemos já com pressa de saber o que o quarto vai finalmente decidir, pois dele depende a solução. Mas quando acabamos de lê-lo verificamos que não há solução. [...] trata-se de uma burla (2008, p. 208).

À exceção do artigo assinado por Antônio Manoel dos Reis, seriam os artigos sem autoria ou assinados por pseudônimos apenas uma brincadeira nonsense? É evidente que sua leitura não é tão esotérica quanto a do soneto de Guimarães. Porém, se há alguma aproximação da crítica, já misturada à crônica, ao bestialógico, cabe pensar em possíveis objetivos. Ainda de acordo com Candido, sob todos os seus aspectos, a poesia pantagruélica é manifestação da negatividade romântica: “ela é um modo de contrariar tanto a ordem quanto as finalidades do discurso, estabelecendo um antidiscurso marcado pela falta de significado normal e a criação de significados próprios, aberrantes ao seu modo” (2008, p. 197). Nesse sentido, ela é das manifestações mais acabadas do grupo estudantil que se justapunha, sem se misturar à comunidade paulistana. Segundo Camilo, “levando ao extremo esse caráter

# 34 Criação & Crítica

diferenciador, pode-se dizer que os bestialógicos seriam a expressão mais acabada desse grupo, ela também determinada, em perfeita homologia, pelo sentido de fechamento que o preside” (1997, p. 200, grifos do autor).

Se se pode crer no articulista quando ele diz que seu escrito tem “desenvolvimento bestialógico”, esse, ao ser publicado num jornal de circulação mais ampla e regular do que a restrita imprensa acadêmica, permiti-lhe uma incomunicabilidade desafiadora. Por um lado, reforça os laços do círculo acadêmico, uma vez que os que estão dentro talvez se apercebessem logo de início de uma possível brincadeira e/ou pudessem identificar os personagens atacados. Por outro lado, ao negar critérios correntes no discurso crítico, já que no cômputo geral dos artigos, nenhum pressuposto avaliativo parece valer, deixa-se em aberto as possibilidades. Nos poucos exemplos aqui comentados, que se ocupam prioritariamente da literatura, pode-se ver que nem poetas nem críticos são poupados, nada é efetivamente levado a sério, de tal forma que se pode pensar que, de uma maneira inusitada, há recusa dos padrões em prol de uma busca constante de novas formas de expressão, atitude inaugural do romantismo.

## Conclusão

Conforme informou Affonso de Freitas, O publicador paulistano sofreu um atentado devido aos ataques desferidos a várias pessoas importantes da capital da província. Pouco depois do ataque sofrido pelo jornal, Balthazar da Silva Carneiro deixou o cargo de redator-chefe. Porém, não há como saber se realmente deixou de contribuir com a folha. No ano de 1860, de acordo o Acervo Histórico de São Paulo, Carneiro ocupou um lugar na 13ª legislatura, caminho corriqueiro dos egressos do curso de Direito. O início da vida pública pode ter feito com que ele se esquivasse momentaneamente da imprensa e, curiosamente, O publicador encerra suas atividades em fevereiro daquele ano.

O espaço que o jornal dedica aos esboços de crítica literária é, de fato, restrito, sobretudo quando em comparação a folhas representativas da vida estudantil daquele tempo. No entanto, como se procurou demonstrar aqui, essa atividade apresenta ali certo interesse. O primeiro deles é o fato de praticamente não pagar tributo ao nacionalismo literário, fato que, como se disse, pode ser associado à posição de Carneiro, manifestada tanto em discurso acadêmico, quanto na qualidade de tradutor de Byron, escritor que, em São Paulo, representou um espírito cosmopolita oposto ao pressuposto localista.

Essa abertura pode ter também se expressado nas distintas formas de crítica que aparecem na folha na qual Carneiro colaborou desde o princípio. Se ela não chega a ser uma atividade categoricamente organizada e teoricamente embasada, a crítica literária nas páginas d'O publicador paulistano registra um momento de

# 34 Criação & Crítica

experimentações, que envolveram flertes com a crônica, vazada num tom coloquial, jocoso e numa tentativa de interlocução com o leitor. Além de um possível uso do bestialógico, que invalida os critérios críticos já colocados, levando à permanência da desregulamentação no que tange à crítica, o que não deixa de ser uma problematização dos seus pressupostos correntes. Tais movimentos registram maneiras da sociabilidade romântica na Faculdade de Direito e na comunidade paulistana, bem como os esforços de se pensar as atividades poéticas e críticas num ambiente intelectual ainda incipiente.

Como encerramento, em meio aos poemas estampados n'O publicador, torna-se interessante transcrever um trecho de "A vespa do parnaso" (n. 135, 1859, p. 2), sem indicação de autoria. Ao simular a interpelação de um poeta ao Redator que, no número em questão, seria o próprio Balthazar, vê-se, de certa forma, a postura do próprio redator:

Sou poeta, mas destes, Redator  
Que sempre rindo, alegre e zombador  
Vão do mundo fazendo a anatomia,  
E quando o vício encontram altanado  
Fazem-no logo ser desmascarado  
Para que, vendo-o tal o povo ria;  
E o terrível ferrão tendo amolado  
Do vicioso enterro no costado.

## REFERÊNCIAS

ACERVO HISTÓRICO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/>>. Acesso em: 21 set. 2022.

ANÔNIMO. "Os poetas julgam-se dispensados de ter bom senso". O publicador paulistano, São Paulo, n. 99, p. 3-4, 1858.

ANÔNIMO. "Os poetas julgam-se dispensados de ter bom senso". O publicador paulistano, São Paulo, n. 100, p. 3, 1858.

ARAÚJO, Nabil. O advento da moderna crítica literária na França do século XIX: de Mme. de Staël a Gustave Lanson. CALIGRAMA, Belo Horizonte, 11:205-225, dezembro de 2006.

AZEVEDO, Duarte de. Discurso recitado na sessão inaugural do Ateneu Paulistano. Ensaios literários do Ateneu Paulistano, v. 2, p. 33-35, 1852.

BARBOSA, Onédia Célia de Carvalho. Byron no Brasil: traduções. São Paulo: Ática, 1975.

BIBLIOTECA DIGITAL DE LITERATURA DE PAÍSES LUSÓFONOS. Disponível: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>>. Acesso em: 18 set. 2022.

# 34 Criação & Crítica

BLAKE, Sacramento. Dicionário Bibliográfico Brasileiro. Vol 1. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883.

BROCA, José Brito. Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro. São Paulo: Polis, 1979.

CAMILO, Vagner. Risos entre pares: poesia e humor românticos. São Paulo: Edusp, 1997.

CANDIDO, Antonio. "A poesia pantagruélica" In \_\_\_\_\_. O discurso e a cidade. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006a.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b.

CARNEIRO, Balthazar da Silva. "Discurso proferido na sessão magna do aniversário do Ateneu Paulistano, no dia 26 de julho, pelo Sr. Balthazar da Silva Carneiro, Orador do Ensaio Filosófico". O publicador paulistano, São Paulo, n. 4, p. 3-4, 1857.

CRUZ, Heloisa de Faria. São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890/1915). São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

EJUSDEM. "Verdades singelas. Aos críticos sem miolo". O publicador paulistano, São Paulo, n. 157, p. 2-3, 1859.

GARMES, Hélder. O Romantismo Paulista: Os Ensaios Literários e o periodismo acadêmico de 1833 a 1860. São Paulo: Alameda, 2006.

GRANJA, Lúcia. Crônica. Chronique. Crónica. Revista da Anpoll, nº 38, p. 86-100, Florianópolis, Jan./Jun. 2015.

FREITAS, Afonso de. A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios até 1914. São Paulo: Imprensa do Diário Oficial, 1917.

L.V. "A poesia e os poetas". O publicador paulistano, São Paulo, v. 155, p. 3, 1859.

MOREIRA, Eunice. "O Brasil em papel: ideias e propostas no pensamento crítico do Romantismo". In CORDEIRO, Rogério (org.) A crítica literária brasileira em perspectiva. Cotia/SP: Ateliê editorial, 2013.

PUBLICADOR PAULISTANO, O. "As poesias de J. Fernandes Madrid (fragmento)". O publicador paulistano, São Paulo, 199, p. 3-4, 1858.

REIS, Manoel Antônio. "As primaveras do Sr. Casimiro de Abreu". O publicador paulistano, São Paulo, n. 159, p. 3-4, 1859.

SOARES, Macedo. Considerações sobre a atualidade de nossa literatura. Ensaios literários do Ateneu paulistano, São Paulo, v. 2, p. 363-366, 1857.

SOARES, Macedo. Considerações sobre a atualidade de nossa literatura. Ensaios literários do Ateneu paulistano, São Paulo, v. 3, p. 391-397, 1857.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. 4ª ed. Rio de Janeiro: Maud, 1999.

# 34 Criação & Crítica

SOUZA, Roberto Acízelo. A crítica no romantismo brasileiro: práticas e matizes. *Teresa: revista de literatura brasileira*, São Paulo, n. 12/13, 2013, p. 112-129.

Recebido em: 16/09/2022

Aceito em: 15/12/2022